

A IMPRENSA EXTRANGEIRA





## OS FESTEJOS

Não diremos que tudo esteve *explendido, magnifico, deslumbrante*. Estes tres adjectivos acham-se completamente esfalfados e não podem com mais tinta. É preciso pôl-os a caldos peitoraes, retirando-os por algum tempo do vocabulario e entregando-os ao sr. Franco ou ao Bahuleiro, — os dois oráculos nacionaes da therapeutica applicada á espinhela cahida.

Repetiremos apenas, com a devida venia, a phrase inspirada que o mui ardente *Commercio de Portugal* cravou ha dois dias, como um pente miudo, de tirar os bichos, na juba intonsa do leão castelhano: — *Fez-se o que se pôde. fez-se o mais que se pôde!*

—

Efectivamente, se nos convém mais esta gloria para acrescentar ás de Ourique e de Aljubarrota, os Curcios e os Xenophontes do *Commercio de Portugal* podem transmittil-a aos evos: — *Fez-se o mais que se pôde.*

O governo, que ha tres mezes não paga aos seus professores de instrucção primaria, dispendeu mil contos para festejar o estrangeiro, ministrando-lhe bambolins azues e brancos, terra vermelha da outra banda e um bailado pirrhico com todas as ictericias de soldados e todas as tympanites de majores que se poderem aquartellar em Lisboa.

A associação commercial, — que nunca se mechera do seu canto para ser agradavel a nenhum dos grandes bemfeitores do commercio: que não teve uma sede d'agoa para dar de beber a Nordenskjold quando elle aqui esteve na volta do Polo, e que ainda não teve um bife e um bock para offerecer a esses dois viajantes tão benemeritos quanto despremiados, os srs. Brito Capello e Iwens, — pediu casa emprestada e deu um baile monstro ao sr. D. Affonso de Bourbon, cujo glorioso nome de familia nos não parece que até agora houvesse jámais figurado nos annaes do commercio, a não ser, indirectamente, por alguns pequenos processos instaurados á sua augusta mãe pelos negociantes de Paris, sobre cujas contas aquella piedosa princeza frequentemente lança, com mão soberana, o véu do esquecimento.

A associação dos jornalistas e dos escriptores publicos, desenvolve repentinamente uma actividade prodigiosa para cumular de passeios fluviaes e terrestres os seus confrades de Madrid.

Para serem obsequiosos com os nobres estrangeiros, os vereadores da cidade decepam as arvores tão preciosas para o recreio e para a saude dos seus municipales, e o sr. governador civil, com eguaes intuitos hospitaes, restabelece as pegas de touros, que ainda ha pouco abolira como offensivas da civilisação e dos progressos modernos.

Varias familias penduram no Monte-Pio os seus pianos para o fim de occorrerem com creditos supplementares aos esplendores dos festejos; e os homens arriscam tudo para o mesmo effeito: os seus paletots extraviados, as suas commendas perdidas, as suas casacas rasgadas, os seus diplomas da associação Primeiro de Dezembro, e as suas barrigas de pernas.

O que por esta occasião se dispendeu em rhetorica jornalistica, é ainda mais assombroso do que tudo quanto se dispendeu em dinheiro, em camelias, em touros, em theatros, em foguetes de Pain, em areia 'o Alfeite, em deslocação de regimentos e em calções de côrte.

No passeio sobre o Tejo na noite do fogo d'artificio, um poeta, saudou em nome das letras com o champagne burguez do sr. Henrique Burnay, as duas rainhas de Portugal e Hispanha. Esta saudação constitue hyperbole notavel, porque em verdade nós outros, escriptores, plebeus portuguezes e plebeus hispanhoes, saudamos as nossas rainhas todos os dias pelo imposto de consumo, todos os mezes pelo imposto industrial, todos os semestres pelo imposto pessoal, e todos os annos pelo imposto sumptuario. Pela nossa parte nunca nos desempenhamos d'este sagrado dever sem exclamarmos nos braços do recebedor respectivo: — «Á saúde d'aquelles que a divina providencia collocou sobre o throno da nossa patria, amigo sr. escriptão.»

Um jornal levou o seu enthusiasmo pela distincta e aristocratica figura da rainha de Hispanha até o ponto de dizer que ella tinha *uma cabeça de Velasquez*. Presentemente que a hallucinação da festa passou, estamos certos de que esse escriptor, d'animo frio e repousado, não terá duvida de concordar connosco em que a cabeça d'essa sympathica princeza, iconographicamente considerada, não é em realidade mais especialmente de Velasquez do que do sr. D. Manuel de la Quadra.

Um stylista nervoso disse com referencia ao palacete de S. Sebastião da Pedreira na noite do baile do commercio: «O palacio foi envolvido por uma onda de irradiações multicores, que desenharam sobre um fundo rubro azulado toda a opulencia da sua construcção, destacando senhoril e altiva a elegante torre do relógio e a orla dentada das muralhas acastelladas de um solar merovingiano.»

Que a Hispanha amiga aceite essa descripção feita para ella, em desconto da impertinenciasita com que algumas vezes lhe fallamos em 1640. Para que se calcule quanto custou o esforço de estylo a que nos reportamos bastará considerar que *as muralhas acastelladas do solar merovingiano d'entre as quaes sobresa a torre senhoril* são apenas as paredes da cavallariça do finado José Maria Eugenio, onde figura um relógio collocado por cima do palheiro.

Um chronista constatou que o rei da Hispanha fallava o francez com uma pureza genuinamente parisiense, quando a verdade sacrosanta é que sua magestade — podemos já agora dizel-o sem comprometter o successo das festas — falla o francez apenas como um puro parisiense... da calle d'Alcalá. Em conversação com o rei catholico o rei fidelissimo faz o effeito de um pae nobre da Comedie Française em dialogo com um galan do Grande Theatro de Marselha.

Um outro quiz lisongear a tal ponto o espirito littera-



rio do soberano hispanhol que chegou a afirmar que sua magestade fallava o *argot* dos estudanjes de Paris. E o chronista abona a sua afirmação citando estes dois termos usados pelo príncipe: *d'abord* e *voyons*. Effectivamente *voyons* e *d'abord* são duas expressões francezas que se não encontram senão nas *brasseries* do Quartier Latin ou nas paginas da *Vie de Bopeme* de Henri Murger.

Se depois de tudo isto os jornalistas hespanhoes segundando parece deprehender-se de recentes artigos das folhas de Madrid — não estão plenamente satisfeitos com a recepção que Lisboa lhes fez, a elles e aos seus soberanos, os jornalistas hespanhoes hão de nos conceder a permissão de lhes dizer que são um tanto exigentes de mais.

Um jornal de Madrid compára o silencio das ruas de Lisboa na passagem do cortejo do rei de Hispanha, com a ovação enorme feita á imprensa, ás escolas, ás associações scientificas, ás associações populares e aos jornalistas estrangeiros no dia do centenario de Camões. Perante um similhante argumento a recepção do rei de Hispanha seria com effeito quasi hostil. Mas não é admissivel tal comparação. Se o soberano hispanhol queria absolutamente de nós um entusiasmo mais expressivo, sua magestade deveria ter vindo um seculo mais tarde. Hoje em dia os povos da Europa já não fazem ovações aos individuos pela jerarchia social a que elles pertencem, mas sim pelas idéas e pelos interesses que elles representam. Assim em Paris e em Londres, onde os principes, representantes de todas as dynastias, triumphantes ou proscriptas, são invariavelmente acolhidos com a mais requintada e perfeita polidez, as ovações são exclusivamente reservadas para Victor Hugo que representa a intelligencia e a poesia, e para Garibaldi que representa o valor e a liberdade.

Algumas folhas hispanholas accusam-nos de *friese* e pedem d'isso satisfação ao sr. D. João Valera, ministro em Lisboa. Convem fazer advertir que a *friese* é simplesmente a temperatura da dignidade, assim como a verticalidade é a sua fórma. Quando em 1484, um portuguez, Fernão da Silveira, mais tarde mandado assassinar em França por D. João II, se refugiou na corte de Fernando e Isabel depois de frustrada a conspiração de Setubal, de que foi victima o duque de Vizeu, os fidalgos hespanhoes, querendo verificar se Fernão da Silveira era ou não um cavalleiro, combinaram que um d'elles, o protector de Silveira, deixaria cair junto d'elle a sua luva em uma reunião do palacio. A attitudo de Silveira para levantar ou para deixar caída a luva revelaria a prosapia ou a vilania do portuguez. Preparada a prova, Silveira, de cabeça alta, olhou para a luva, e cruzando os braços no peito, deixou-a ficar no chão. Os fidalgos da corte de Fernando e Isabel, abraçaram então o emigrado, reconhecendo n'elle um homem nobre.

Se os hespanhoes do seculo XIX exigem de nós perante o seu rei mais flexibilidade de espinha do que a do antigo conspirador de Setubal, os hespanhoes obrigam-nos a lamentar que no seu reino se haja deprimido o alto nivel pelo qual no seculo XV elles tão bem sabiam definir a dignidade e a nobreza dos outros.



## QUESTA BARBA BENEDETTA



— Tu conheces-me ?  
— Bem te conheço :  
és da marinha !

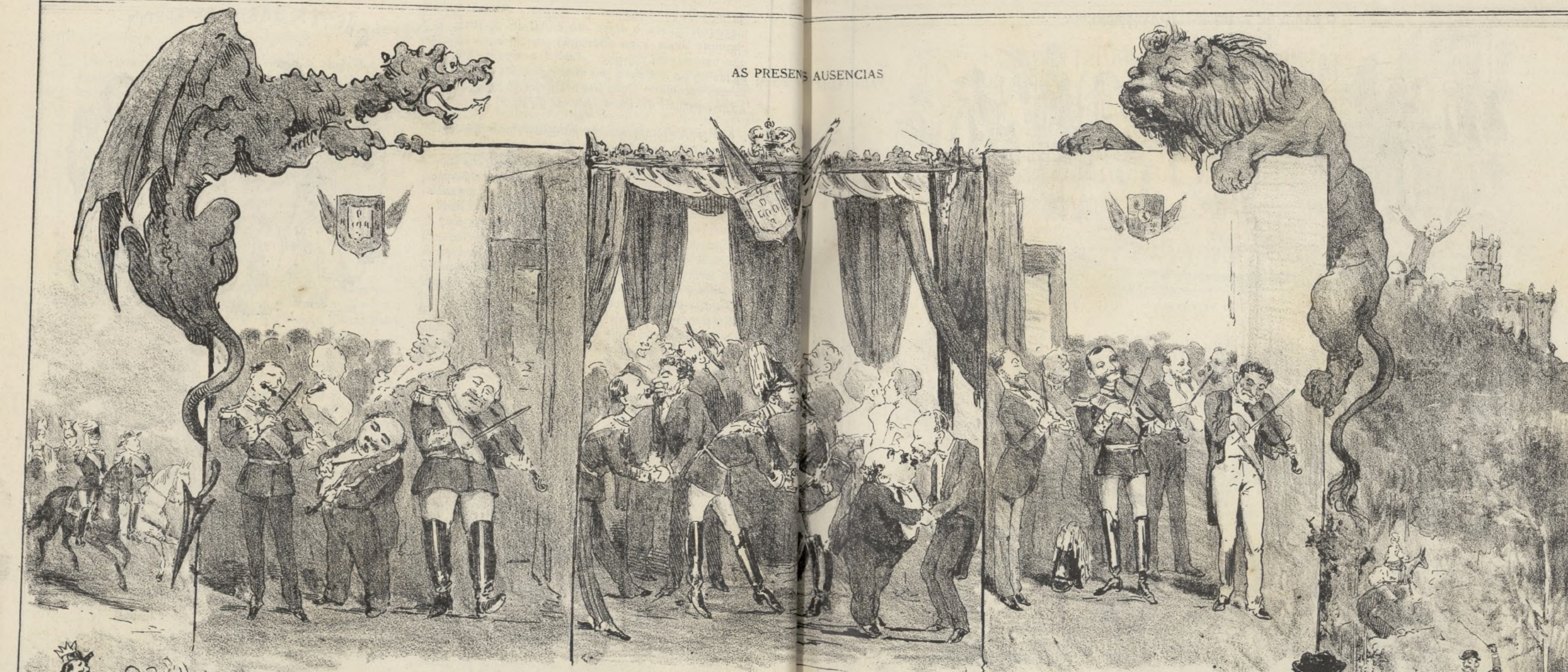


— Conheces-me ainda ?  
— Sim te conheço : és  
dos lanceiros !

ELLE É TUDO ! NOVES FORA...



AS PRESENS AUSENCIAS



CADA UNO EN SU CASA

NOS BRACOS DOS OUTROS

CADA UNO EN SU CASA



HURRAH PELOS  
MARINHEIROS



A EXPLENDIDA  
CORRIDA DE TOUROS  
DO S. ANIUS



OLE OLE BURRICO



## O BAILE DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA

BIBLIOTECA



— Sinto a sede da sabedoria!

NO BUFETE



Hesitação do espirito na escolha de uma sã leitura.



— Troque-me esta edição diamante por um volume in-folio.



Resultados de uma excessiva applicação aos estudos encyclopedicos.

## NO VESTIARIO



— O meu sobretudo-sinho, se tem a bonbade!



— Faz-me o favor do meu sobretudo?



— Então o sobretudo vem ou não vem?



— Quero o sobretudo! Ouviu, malcreado?



— Dá-me o sobretudo, infame!



— Quero para aqui o meu sobretudo, ladrão!



— Ah! biltre!... saltador! bandido!



É PILOGO

## NA ESCADA



— Quereis roupagens; friorentos? Toma lá! Eu o que tenho é calor!

## NO SALÃO



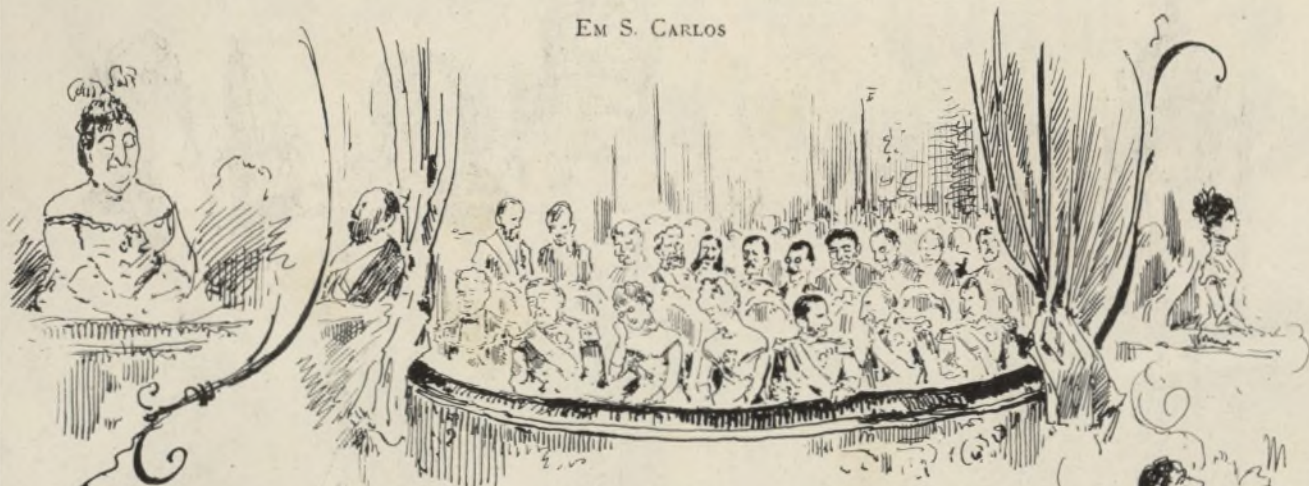
— Un pollo? — Nó! un pulha.

REPÚBLICA DO BRASIL



# VARIOS EPISODIOS

EM S. CARLOS



O painel.



QUE BELLO BRAGO  
PARA VESTIR DE  
CALÇÃO E MEIA - E  
IR AO PAÇO EM  
PANTOFILHAS

Os espectadores.

NOS TOUROS

O fogo do entusias-  
mo.



Os que viram de  
mais

Os que viram de me-  
nos.

A PORTARIA DE LOUVOR



A toilette ornitologi-  
ca da rainha da festa.  
Guanções de passar e  
cauda de milho.



— Portou-se muito bem! Vou  
elogiar o conselheiro Arrobas.

RIBORDALLO PINHEIRO



## A EXPOSIÇÃO



— El arte ornamental y sus cultores !  
 — Lo que nos otros digimos en España una sacristia ? —  
 — Absolutamente !



O FOGO DE VISTAS D'ELLES SOBRE MIM

JOAQUIM BORDALLO PINHEIRO